

ba
T
ma
C
1
B
a



CRÔNICAS DOS INFINITOS MUNDOS

TERCEIRO E DERRADEIRO EPISÓDIO

Enquanto o metrô percorria velozmente as artérias da cidade minha cabeça que não pára de jorrar imagens não conseguia controlar uma certa eletricidade. Estou resignada com a espera do meu ponto de desembarque, pregada nesta cadeira de metrô tanto pela falta de outra possibilidade quanto pela alta velocidade. Apenas observo a paisagem cinza de concreto que passa pela janela como pequenas telas voadoras. Até que meus olhos são capturados pela imagem de um homem e suas mãos nervosas, que procuram no jornal eletrônico alguma notícia. Seus movimentos com os dedos são histéricos. Capturo estes dedos roçando o dial nervosamente. Em sua angústia e pressa ele não percebe, mas eu o observo. E o observo como máquina de poder de raio-X, como olhar de superhomem. E pareço saber tudo sobre ele. Não. Apenas me interesso por ele.

Em um segundo preciso ele encontra a notícia que procurava. A tensão de seus dedos e mãos e corpo parece cair leve sobre o chão do vagão escorregando pelos pés dos passageiros. Eu, que o observo seriamente, sei que este homem não é mais o mesmo. Ele está em gozo. Capturo a página que ele lê e busco-a no meu jornal eletrônico. O que as letras garrafais me dizem apenas tornam minha observação mais prazerosa e definitiva: **Assassino de clones aterroriza novamente os banheiros do Maracanã.** Agora experimento sua delícia, e como já o observo há algum tempo arrisco-me até a dizer que ele saboreia a palavra **aterroriza** repetidas vezes. Ele é este assassino, suas mãos não param de dizer isso quando as observo e capturo.

Agora a lembrança vem como flash impacto elétrico e a imagem dele nos banheiros do estádio começa a passar indefinidamente em minha memória. Ele estendendo sua mão para mim na roda em volta da sanitária, seu olhar de reprovação para minhas roupas. Como bicho defendendo território eu o repeli num só instante, pulverizei sua presença. Não gostei dele então. Meus olhos foram capturados pelo assassino, não pelo intruso.

Termino de ler a notícia e descubro que o homem que eu observo tão escravizada matou os últimos clones de Regina Duarte e da Feiticeira. O objeto de tanta observação é simplesmente uma solenidade nacional, o criminoso mais procurado do Rio de Janeiro: o assassino de clones, o terror do Maracanã. E a busca que a polícia empreende há meses é concluída por mim agora enquanto capturo este homem com meus olhos de câmera cinematográfica, enquanto o desvedo com meus clones e zooms. Estou presa a ele. Sei que quando ele se levantar irei atrás, não importa aonde for e a custo de que riscos.

Há um perigo e uma destruição nele que me encantam, que me arrastam atrás dele pelas ruas desta cidade babilônica.

Neste instante o metrô começa a reduzir sua velocidade, o que indica uma parada próxima. Meu assassino se levanta em câmera lenta e agarra com movimento malabarista a barra de ferro onde se penduram os passageiros em pé, para depois sair deslizando em direção à porta. O que me chama dentro dele me faz levantar com movimentos acelerados e me lança desarmada na pista de desembarque. Agora, no meio da multidão, procuro não perder seus cabelos vermelhos de vista, procuro não pensar em mais nada e vou andando em passos marciais driblando os passantes e seguindo instintos básicos. Ele, elegantemente, abandona a estação como se ninguém pudesse detê-lo. Ele tem essa força própria dos assassinos.

Já nas ruas, consigo me aproximar cada vez mais dele, já sinto seu cheiro, o calor de seu corpo. Ele não é mais somente um objeto de observação. Agora já tem vida própria e movimentos e cheiro e eletricidade e um rumo indefinido que eu sigo a passos cegos. A cada esquina dobrada aumenta meu tesão, minha atração, meu instinto de predadora. Ele entra num relance em um restaurante barato e se senta em uma mesa escondida nas sombras. Eu prefiro não titubear e me sento à sua frente com semblante pesado e olhar cortante.

Ele me rouba a fala.

Enquanto manuseio o cardápio desta espelunca fedendo a mijó meus olhos são surpreendidos pela companhia daquela estranha garota do banheiro do estádio. Ela ainda está vestida como a Penélope Charmosa, toda cor-de-rosa, com uma sombrinha rósea na mão. Seus olhos me comem enquanto não consigo escolher entre o rosbife e o hambúrguer. Entre ela e as opções do cardápio me perco por um segundo - o da memória. Lembro-me da cena no mictório do Maracanã:

- Não é então a pessoa da nova geração...

Seus lábios róseos apenas se entreabrem:

- E você, o aterrorizador assassino de banheiro.

Nossa conversa é interrompida neste momento pela gorda dona do restaurante, que com sua voz grossa exige que escolhamos algo. Ou caímos fora. Que ela não está aí para hospedar vagabundos em seu bar.

- Um rosbife.

- Um hambúrguer.

- Então. Você é ou não é o assassino de clones, cara pálida?

- Talvez. Você é ou não é uma pessoa da nova geração?





- Eu te observei no metrô. Vi como estava tenso ao chegar, vi como está em glória por ter matado hoje. Por ter parecido, mesmo que incógnito, no jornal...

- Elas não mereciam morrer?

- Elas Agora estão fora de moda.

A Velha gorda novamente se aproxima de nós, com seus peitões caídos, seus cabelos longo cinza desganhado e sujo, seu hálito milenar, seu sovaco cabeludo. Como a Carmen, de Bizet. Um negro sovaco cabeludo com chamas negras tentando escapulir. Negro não. Mas cinzento escuro grisalho. Interrompendo conversa. Atira com violência e precisão os pratos na mesa. Depois começa a limpar um armário bem na minha frente, com a imensa bunda em exposição.

Corto um pedaço do bife e o coloco na boca. Mastigo calmamente, adoro bifês. Mas este tem gosto estranho. Enquanto como outro pedaço, volto a olhar para a velha, para aquele sovaco gorduroso. Aquele sovaco realmente me impressionava. Mas ao mesmo tempo que o achava repugnante, não conseguia tirar os olhos dele. Talvez devido ao fato de que eu não acreditava na existência de uma coisa tão escrota e suja. Comecei a odiar aquela velha. Acho que só não lhe dou um tiro por que já tenho problemas demais. Também posso querer outro bife. Isso é que não. O gosto deste bife está tão estranhamente ligado àquele câncer de sovaco cabeludo que eu não consigo mais mastigá-lo. Entre meus dentes, a carne e as fibras vão se transformando naqueles pêlos voluptuosos e velhos e cinzentos dessa velha nojenta.

- Você não acha esta velha podre? - me interrompe a tal Penélope Charmosa.

- Eu acho que vou matá-la.

- Não. Você já matou hoje.

Neste instante ela se levanta e joga o prato com seu hambúrguer no chão.

- Esta comida está uma merda!

A velha imediatamente se vira. Seus passos vindo até nós são tão fortes que chegam a balançar as tábuas do piso. Esta velha vai estralhar minha bela acompanhante. Para contrariar minhas previsões e conquistar meu corpo e meu coração e minha cabeça a Penélope Charmosa aponta a sombrinha para a gorda e dispara uma rajada de metralhadora no peito do monstro. A velha se sacoleja ao som ensurdecedor da metralha enquanto sua carne aparece aos nossos olhos famintos. Da fumaça de pólvora encontro minha Penélope em triunfo, vindo até mim, com uns olhos quentes e respiração controlada. E ela está linda. Como seu rosto vibra em cada fibra por contentamento, de gozo. Como ela parece ser maior, forte, viva.

Um estrondo e olhamos para a porta agora já arrombada e uma vez aberta permitindo a entrada de dois policiais armados. A Charmosa começa nova rajada de balas, como num convite. Saco minha pistola automática e acerto os dois na testa.

Com a outra mão, puxo essa mulher maravilha que me aparece de repente logo num bar tão imundo com uma dona gorda tão indecente num dia tão complicado e perigoso como esse. Vou puxando essa assassina pelos braços pelas ruas sabendo que nosso rastro só acrescenta mais corpos à lista da polícia. Que seremos procurados.

Por enquanto só corremos como loucos pelas ruas, ouvindo sirenes. Ela decide que não quer mais ser puxada e sim puxar e começa a me arrastar por seus próprios caminhos. Vou me deixando levar por que gosto e por que quero e por que não posso parar. Ela usa a sombrinha como pé-de-cabra para ambrir uma tampa de esgoto e mergulha como tio patinhas em poço de moedas. Não conheço os dutos de esgoto do Rio, acho isso tudo um perigo mas mergulho assim mesmo, quem tá na chuva é pra se molhar, a polícia está na minha cola, não poderia nunca deixar aquela mulher. Caio de mal jeito na bosta misturada de toda essa gente que mora nesta cidade e mal tenho tempo para ter asco, ela já me puxa novamente por entre uns corredores com merda líquida até o joelho e cheio de ratos. A música é algo como a trilha de Batman. Ela me guia até um suspenso de concreto, onde me puxa até si e me arranca um beijo colossal. Enfia a mão dentro da minha calça e me pega o pau. Rouba-me a fala.

Quando termino de trepar logo me dá essa preguiça. Quando gosto, quero ainda continuar o contato físico. Quando não, quero ir embora. Com este assassino do metrô que agora eu sei chama-se Armstrong, quero ficar colada, fazer parte, não vou deixá-lo. Eu o amo. Você pode até achar que ainda é cedo para tirar uma conclusão, nós nos conhecemos há apenas duas horas. Mas você não trepou com ele, não imagina como me sinto. Você pode ainda não acreditar como eu tenho coragem de me envolver com alguém assim tão perigoso, se não tenho medo de acabar levando um tiro. Não tenho medo, estou com ele. Ele me diz sussurando no ouvido aquele ventinho que trás arrepios convidando para ser só sua, de mais ninguém. Diz que não volta para sua casa, que lá está cheio de piratas, que vamos roubar um carro e sair por aí feito easy rider ressaquento, que seremos felizes se ficarmos dois. Que a morte nos separe pode ser muito pouco pra nós. Que eu sou sua só sua somente sua de mais ninguém. Amém. Você pode me achar louca, que corro muito perigo. Não. Eu sou sua menina.

AO SOM DE "ELA É MINHA MENINA", DE JORGE BEN, MAS COM A GUITARRA CORTANTE DOS MUTANTES, A CÂMERA VAI ABANDONANDO O CASAL DE ASSASSINOS NUS NAS VEIAS DA CIDADE, NO ESGOTO. QUANDO O ABANDONO IMPEDIR QUE SE VEJA BEM A CENA, CAI A CORTINA, FADE OUT, THE END, ACABOU NÃO TEM MAIS. Fabiano.

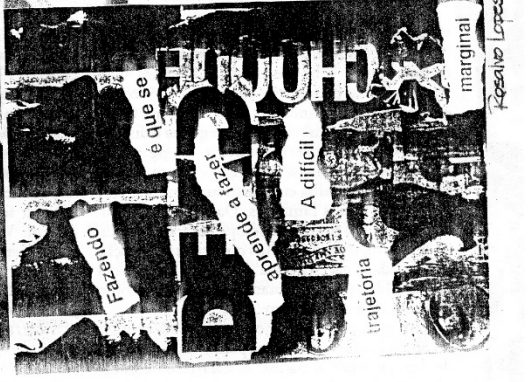


FOTOGRAFIA
GRAFEI VOCE
EM LUZ E SOMBRA
E SEI EU
SURTIU AOS PAUCOS
NO VAREZ
FOTOGRAFICO
MÔNICA RIBEIRO.

Como não quero
com um bife de
sa masculinidade
ele e trazer minha
intimidação. Mônica
Ribeiro.

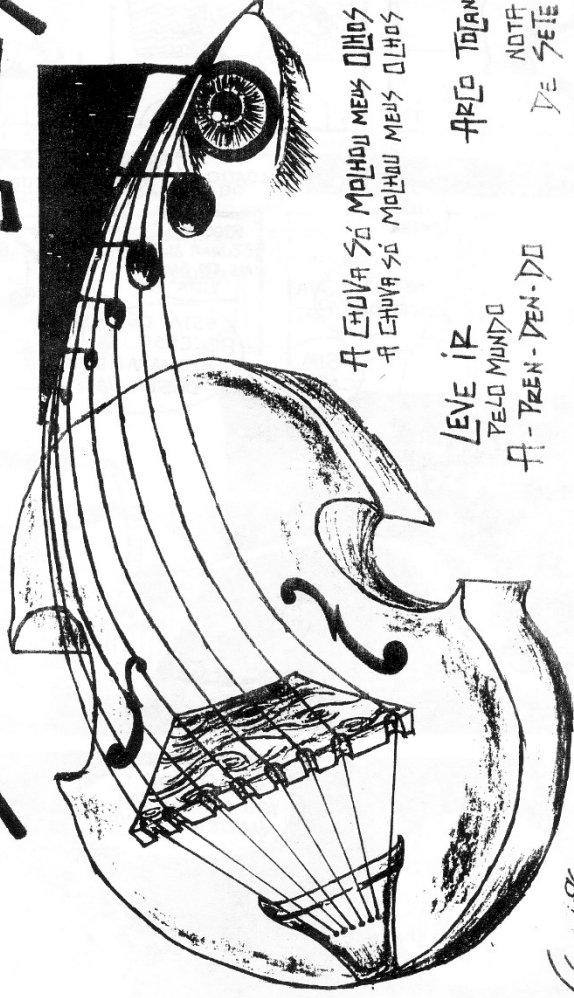
BAT MALCUMBA Nº 4
MARÇO, 1996, SÉC. XX
CONCEPÇÃO E ARTE:
Fabiano Moreira
Rua Tietê, 230 - São Mateus - JF.
COLABORAM: BOA PERGUNTA, EMINÊNCIA
PARPA, OS LEAS (O CAETANO, O
RIBEIRO E O TEIXEIRA), LERNYRGO
FORTADO, MÔNICA RIBEIRO E
ROSALVA LOPES.
ABRIL: LEI MURILLO MENDES DE
INTELTIVO À CULTURA

RESSACA
MERGULHOU SUA BOCA
NO COPO COM SON-
RISAL E VIU ESTRE-
LAS EFERVESCENTES
POR TODO O DIA
SEGUINTE.
MÔNICA.



é que se
aprende a fazer
A difícil
trajetória
marginal
Rosalva Lopes

SETE CORES



W.B.

SETE CORES é uma canção inédita da banda Eminência Parda, composta por Sua Eminência **EDSON LEÃO**

A CHUVA SÓ MOIHOU MEUS OLHOS DE ALEGRIA
A CHUVA SÓ MOIHOU MEUS OLHOS DE ALEGRIA

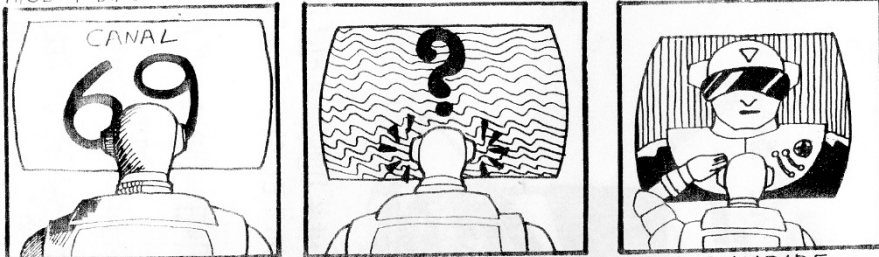
LEVE IR
PELO MUNDO
A - TREN - DEN - DO

AFO TOIANDO A ÍRIS
NOTA
DE SETE CORES

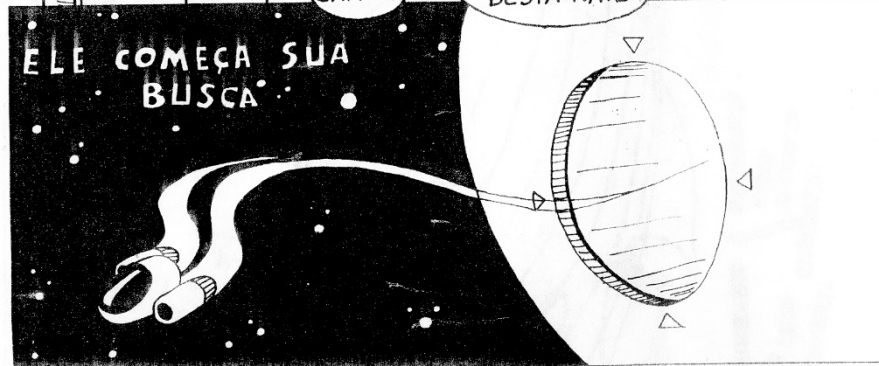
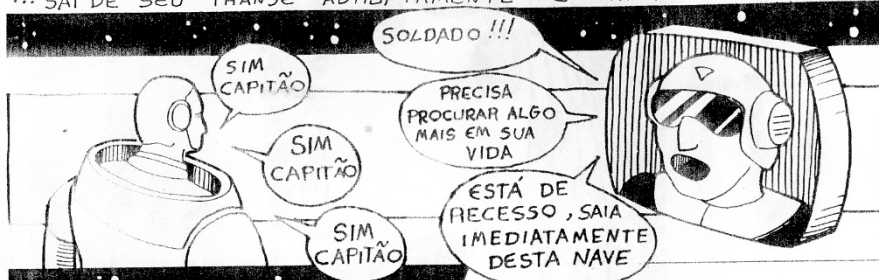
NA CHUVA,
O SOL
MOIHOU
MEUS OLHOS

NAS CORDAS DE UM SER-VIANDO
QUE SALTA DE MINHA MADEIRA
A LUZ
DE CADA MANHÃ.

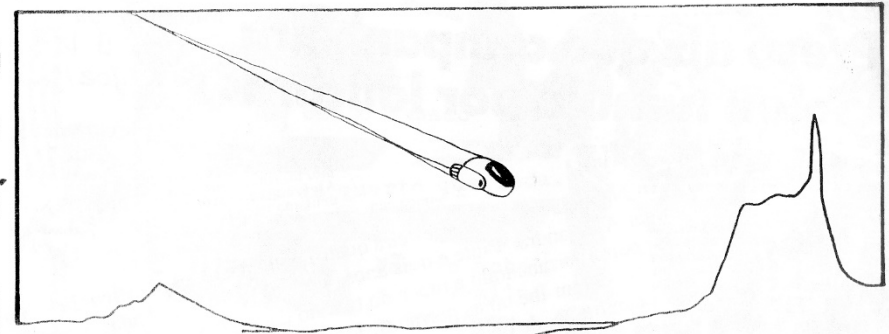
APÓS 7 DIAS E 7 NOITES VENDO O CANAL PORNÔ ESPACIAL, O COSMONAUTA...



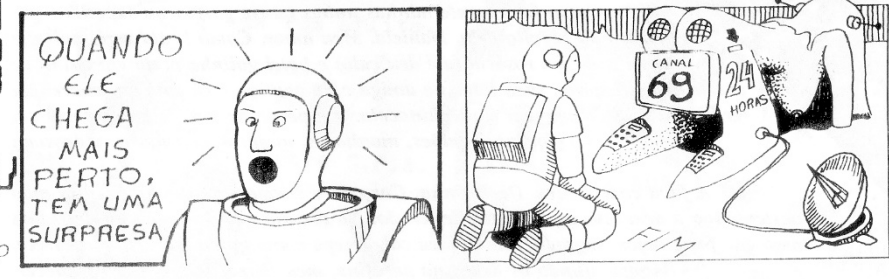
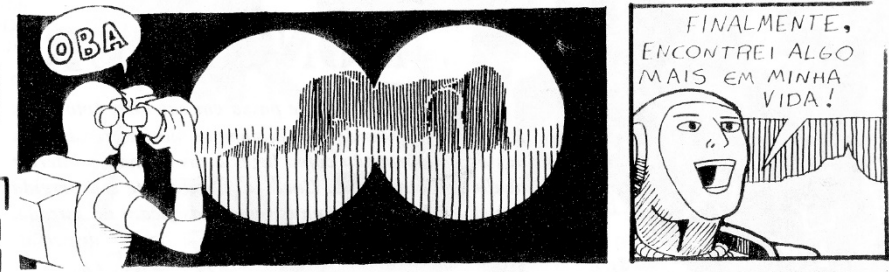
... SAI DE SEU TRANSE ABRUPTAMENTE E CAI NA REALIDADE



COMO SE FAZ UM COMIC BOOK



A ENTRADA NA ATMOSFERA DO PLANETA DESCONHECIDO É PERFEITA



Preso diz que companheira violou túmulo por loucura

MANCHETE DO JORNAL O DIA DE 02/02/96

ILUSTRAÇÃO "POP" Rosalvo Lopes COM TEXTO Fabiano Moreira

Naquela tarde de terça-feira quatro policiais tiveram dificuldades em dominar Alessandra. Vinte e dois anos. Com as faces arranhadas em porcos arrancaram a moça do túmulo da atriz Daniela Perez. Depois deram-lhe umas porradas. Jogaram o corpo espancado dentro do camburão, de onde foi levado para a Sétima D.P., em Santa Teresa. Os passantes que transeuntavam aquela tarde em frente ao cemitério José Batista não conseguiram esquecer e desde então são perseguidos em sonhos pela voz da meliante gritando...

DANIELA PEREZ MON AMOUR

Enquanto a cidade passa em caleidoscópio pelas frestas do camburão vou lambendo minhas feridas. Os flashes de memória são como luzes atravessando o interior do veículo em movimento. Como a fumaça que é aspergida pelo cano de descarga minhas memórias ficam na estrada, dispersas.

Cravo ferozmente minhas unhas quase garras na sapatilha que arranquei do túmulo dela. Daniela. Meu amor. Como beata rezei noites e calejei dedo em rosário (até deu calo) e botei galinha preta em quina de encruzilhada e cortei suas fotos na amiga e na contigo e cá comigo chorei em serão. Louca. Sua imagem em technocolor me persegue em sonho disposta em infinitos telões, monitores, quadros luminosos, videosom.

A faca com dentes. De cozinha. Congelo a imagem de minha própria mão sustentando a arma no ar. Minutos de tensão. No túmulo aquela sapatilha de resina como que fosse objeto sagrado. Minha faca cai, decepa como guilhotina. Tudo escurece.

Agora afundo os dedos na parafina, meu corpo dói, procuro esquecer.

Cantaro então uma canção grudenta dos mamonas assassinas.



A Folha D'Alface



A FOLHA D'ALFACE
A FOLHA QUE NASCE
A FOLHA QUE É VIDA
E PUTREFAÇÃO

HAHA!!!

A FOLHA D'ALFACE
NÃO É MENOS VIVA
QUE O MICO LEÃO
QUE O MICO LEÃO



BRINDAMOS A MORTE
COM NOSSA SALIVA
COM DENTES CANINOS
NO FRUTO DA VIDA

"A FOLHA D'ALFACE" É UMA
CANÇÃO DA BANDA
BOA PERGUNTA, COM
LETRA DE LEO TEIXEIRA
E DESENHO DE LEO RIBEIRO

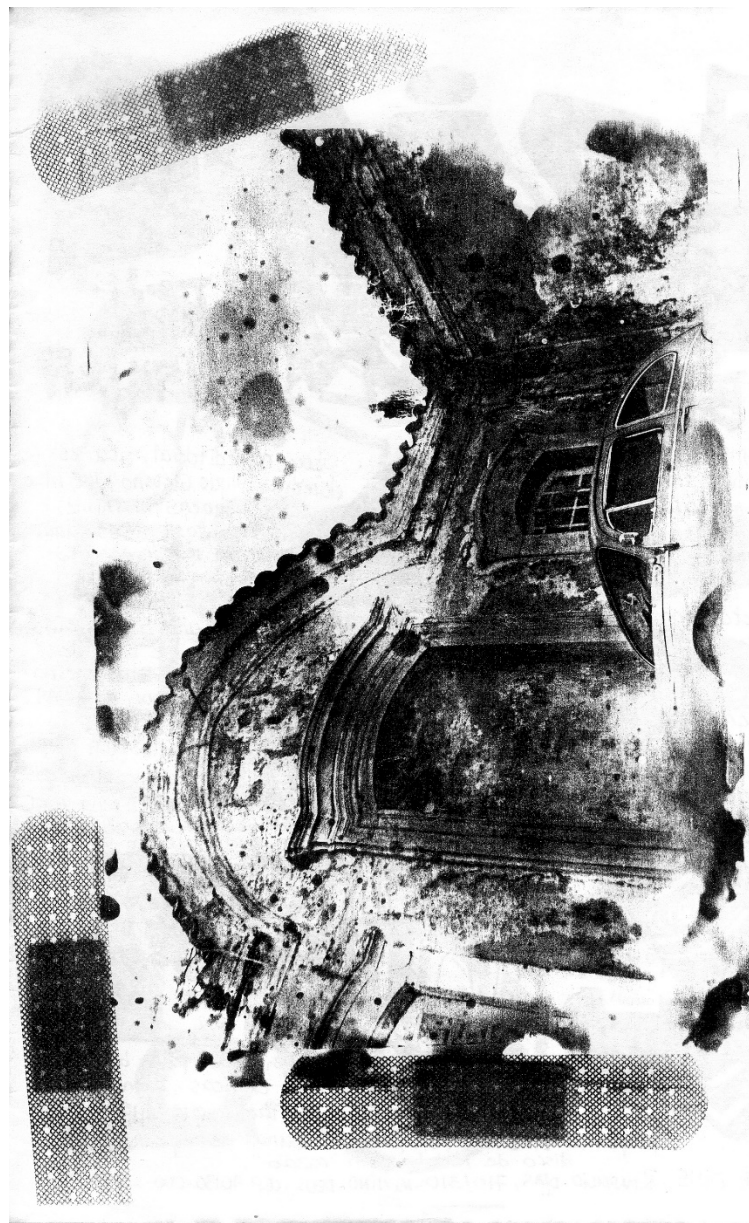


Foto: LEO GAETANO - O LEO ESTARÁ EXIBINDO SEUS BELÍSSIMOS CLICKS
NA GALERIA DA CAIXA, DE 28 DE MARÇO A 26 DE ABRIL.
VISITE.

ZINE

DE FORA
 * NOBRUSCO * CINCO CONTRA UM

O Nobrusco é um puta zine paulista, talvez um dos mais modernos que circulam no underground. Torrentes de imagens, textos fortes, comentários sobre bandas, a coluna Trash TV, poemas e etc. compõe este zine de excelente qualidade gráfica.

Tem uma nota sobre o Silverblood (do nosso PB) na última edição, definindo: "fusão entre guitarras, barulho industrial, vozes celestiais e sandman".

CARTAS: NOBRUSCO
 R. EUGÊNIO MEDEIROS, 419
 CEP 05425-001 SÃO PAULO-SP



Logo no editorial, fica esclarecido "que Cactano, REM e essas viadações unânimes e 'politicamente corretas' aqui não terão vez. O negócio aqui é inspirado no odor, no sabor e no calor de uma boa buceta."

5 contra 1 é zine de galicho da fronteira (ou melhor, de POA). a estética é fantástica e os artigos incisivos.

5 CONTRA 1 → RUA VIGÁRIO JOSÉ INACIO, 263/84
 CENTRO - PORTO ALEGRE - RS.

BLUE ZINE *



O BLUEZINE Nº 2 CHEGA CHUTANDO A BUNDA DE QUEM AINDA OUVIR DISCOZINHO DE NATAL. O NEGÓCIO É ENTRAR MES COM BLUE NA ORELHA!



Como o nome diz, o Blue zine é para bluesmen. Uma folha ofício mensal com críticas, agenda e tudo sobre blues. O Júlio e a Paola, que fazem este simpático zine de POA, chutam bunda de quem ouve disco de Natal. Com razão.

BLUE ZINE - R. MARCÍLIO DIAS, 710/310 - MENINO DEUS - CEP 90130-000 - POA - RS